

ANGELINA DE ASSIS E A EDUCAÇÃO INFANTIL NA BAHIA

Elizete Silva Passos *

RESUMO

Angelina da Rocha de Assis, assim como a maioria das educadoras de seu tempo, imprimiu em seu fazer pedagógico as marcas da moral cristã e atuava com firmeza, determinação e austeridade, sem deixar de ser solidária, bondosa e companheira. Dedicou-se à educação pré-escolar, numa época em que o ingresso oficial deveria acontecer a partir dos 7 anos de idade, visando despertar na criança o gosto e a curiosidade pela leitura e pela escrita. Conferiu ao lazer e ao lúdico grande importância e os colocou como objeto de suas preocupações acadêmicas. Ensinava que a criança só seria “tocada” através da afetividade, do carinho e do elogio. Este artigo visa compreender as idéias e a práxis pedagógica da educadora, também conhecer os princípios e valores adotados por ela, os autores que a influenciaram e o conhecimento que produziu no campo da educação infantil. O trabalho é fruto de investigação cuidadosa e demorada em documentos, jornais, livros, resenhas e revistas e, principalmente, da história oral.

Palavras-chave: Educadora – Educação infantil – Valores – História da educação

ABSTRACT

ANGELINA DE ASSIS AND INFANTILE EDUCATION IN THE STATE OF BAHIA (BRAZIL)

Angelina da Rocha de Assis, like many educators of her time, has left her pedagogical mark indelibly tinted with Christian morals as she conducted herself firmly, determinedly and with austerity, not forgetting to mention her kindness, combined with her friendly and helpful personality. She has dedicated herself to preschool education at a time when officially starting school was from seven-years-old, in order to motivate in children the interest and curiosity for reading and writing. She considers leisure and playful activities extremely important, and these have been the target of her academic focus. She taught that children would only be “touched” through affection, care and praise. This article aims to understand this educator’s ideas and pedagogical practices and also get to know the principals and values adopted by her, the authors that have influenced her and the knowledge that she has produced on preschool education. This research is the result of a long and careful investigation of documentation, newspapers, books, theses and magazines, and particularly from oral history.

Keywords: Educationalist – Preschool education – Values – Education history

* Doutora em Educação. Professora no Centro de Pós-graduação e Pesquisa Visconde de Cairu (CEPPEV) e na Fundação Visconde de Cairu (FVC) – Bahia/Brasil. Endereço para correspondência: Rua do Salete, 50, Barris – 40.070-200 Salvador-BA. E-mail: elizetepassos@uol.com.br

Introdução

Este artigo é parte de uma pesquisa que foi realizada com o apoio do CNPq e investigou a trajetória de vida pessoal e profissional de educadoras que se destacaram no cenário educacional baiano ao longo do século XX, a ponto de continuarem sendo lembradas ainda hoje. Objetivou conhecer os motivos que as fizeram alvo de destaque numa sociedade dominada pelo gênero masculino. Também ousaram romper com os padrões estabelecidos para o gênero feminino ou repetiram o que se esperava dele; em específico, inventariou e analisou os setores da educação a que elas se dedicaram e o que produziram do ponto de vista teórico e metodológico, dentre outros.

A amostra foi composta por 8 educadoras¹, após ampla pesquisa em fontes documentais e entrevistas com pessoas conhecedoras da história da educação baiana. Além do trabalho investigativo em fontes bibliográficas e documentais, foram entrevistadas dezenas de pessoas, incluindo-se ex-alunas, colegas de trabalho e pais, dentre outros depoentes.

O presente artigo propõe-se a tratar da educadora Angelina de Assis, dando especial atenção a sua práxis pedagógica, voltada para a educação pré-escolar.

Angelina de Assis e seu contexto

Angelina da Rocha de Assis nasceu no dia 27 de junho de 1915, em Palmas de Monte Alto, no município baiano de Caetitê. Ela era filha de Pedro Pinto de Carvalho Rocha e de Maria da Conceição Rocha, sendo prima do educador Anísio Teixeira, com quem mantinha estreito contato, tanto por questões de parentesco quanto dos ideais educativos.

Os jornais da época² dão conta de que, nesse período, o país discutia o nacionalismo, considerado demagógico e sem conseqüências concretas para o benefício social e a defesa da Nação, e não estava satisfeito com o caminho tomado pelas elites políticas. Também eram criticadas as atitudes políticas, consideradas antiéticas.

Os baianos faziam coro com as queixas nacionais, mas agiam de forma discreta e cautelosa, sob

a ótica da mídia escrita local. A seu modo, não silenciavam diante dos problemas do Estado e solicitavam tratamento igual ao concedido a outros estados do país, especialmente no tocante à distribuição de recursos oriundos do governo federal. Os problemas econômicos vividos pelo Estado da Bahia eram explicitados, dentre outros, pelas reivindicações populares, como aconteceu no ano de 1920, quando os operários da Avenida Oceânica lutavam em prol de melhores salários.³

Dez anos mais tarde, os jornais locais também falavam da intenção da política baiana romper com práticas consideradas antiéticas, iniciando pela escolha de políticos e pessoas para cargos públicos, a partir de critério como a competência e honestidade e não do partido e da linha política. Esta situação configurou-se em acordos, como o firmado entre governistas e oposição para eleger Miguel Calmon para o Senado.

No mesmo período, a mídia local considerava a educação promovida pelo Estado como “defeituosa e falha”⁴. As críticas recaíam sobre a organização do ensino e as constantes reformas por ele sofridas, consideradas responsáveis por seu enfraquecimento. Dentre elas, destacavam a reforma do ensino secundário, que o estendera por mais dois anos de Curso Anexo e a obrigatoriedade do exame vestibular para o ingresso no ensino superior. O assunto foi discutido por alunos secundaristas e acabou em protesto público contra tais medidas (A TARDE, 1934).

¹ A referida pesquisa resultou na *Coleção Educadoras Baianas*, que possui 4 volumes publicados pela Editora da Universidade Federal da Bahia: *Amélia Rodrigues, Anfrisia Santiago, Guiomar Muniz Pereira e Leda Jesuino*. Os volumes sobre *Candolina Rosa de Carvalho e Angelina de Assis* encontram-se no prelo.

² *O Imparcial*, *Diário da Bahia* e *A Tarde*, todos de Salvador, dentre outros.

³ O assunto foi noticiado pelo jornal *O Imparcial*, no dia 3 de setembro de 1920, com o seguinte teor:

“O movimento aconselhado pelo sindicato aos operários da Avenida Oceânica não surtiu o efeito desejado que era o aumento de salário de 2.500 e 3 para 4 (...) os operários reconsideraram melhor e entraram em acordo com os empregadores para receber salário pelo preço do ajuste feito anteriormente ...”

⁴ O assunto foi noticiado pelo jornal *A Tarde*, do dia 3 de maio de 1935: “... toda gente sabe que é a barafunda do ensino no Brasil com constantes reformas que lhe aplicam ao organismo cada vez mais combalido, mercê dos erros monstruosos de uma terapêutica, quase sempre desastrosa. Na Bahia, como em quase todo o resto do país, não menos defeituosa e falha a organização do ensino.”

Além dessas, outras questões ocuparam as discussões educacionais da época, a exemplo da educação feminina. Nesse particular, a mentalidade coletiva continuava convicta de que o lugar da mulher era no lar e seu principal papel consistia em manter a estrutura familiar, gerando, criando e nutrindo os filhos, assim servindo ao marido e à Pátria. Para responderem às demandas masculinas e garantirem a estabilidade da família, elas precisavam ser educadas e preparadas. Sobre o assunto, escreveu Júlio Dantas (1935, p. 3):

... para uma mulher, quem quer que ela seja, é sempre fácil despertar o interesse de um homem: mas é muito difícil mantê-lo (...) de um lado, a tendência natural do homem para evadir ou de dispersar, do outro, a luta da mulher para o fixar, para o prender, para o seduzir, cada vez mais à esfera de sua influência sentimental. O futuro do lar, visto que a tendência para a dispersão é própria de todos os homens, depende, por conseguinte, do poder de atração, de captação, de sugestão amorosa, de absorvente simpatia da mulher que é, afinal, a frágil criatura sobre cujos ombros delicados todos os lares repousam.

Nesse contexto e com apenas dezenove anos de idade, Angelina contraiu matrimônio com Osmar Veiga de Assis, que faleceu seis meses depois. Ela manteve-se viúva por toda a vida. A sublimação do amor interrompido deu-se através da educação, causa que se tornou sua razão de ser e de viver.

Pessoalmente, se é possível falar dela como ser humano, separado da profissional, a imagem que os depoentes guardam é de uma pessoa bonita fisicamente, íntegra, atenciosa, bom caráter, amiga, determinada, exigente. “Alguém em quem se podia confiar”, pois agia com ética e sem preconceitos. Há também quem a considerasse tímida, a despeito de ser uma presença marcante e muito apreciada onde quer que fosse. Afirmam as informantes que nos congressos nacionais e internacionais ela sempre ocupava lugares de destaque, participava de mesas redondas, de debates teóricos e ocupava cargos de direção⁵.

Seu perfil ético e estético identificava-se com o da educadora da época: dedicação total à causa da educação, a ponto de torná-la um verdadeiro sacerdócio. Como diz Nóvoa (1991), desde o século XVIII, países da Europa passaram a preocupar-se com o perfil do educador. Questões como:

o melhor é o religioso ou o leigo? O mais apropriado e competente é aquele vinculado socialmente ou o que se isola, passaram a fazer parte do debate no âmbito educacional.

O modelo de Angelina pessoa confundia-se com o da educadora e centrava principalmente na postura moral. Atitude que era exigida da educadora da época, pois, além de tomar a educação como o objetivo primordial de sua vida, colocava-se como exemplo a ser seguido pelos alunos, de modo que não podia demonstrar qualquer tipo de falha moral, assim como insegurança ou incoerência. Diante disso, agiam com firmeza, determinação e austeridade, a despeito de demonstrarem solidariedade, bondade e companheirismo, muito à moda da moral cristã.

A ânsia por ver seus projetos realizados a fazia, além de determinada, enérgica, íntegra e insistente, ser incansável, incentivadora, dedicada, sincera e, até mesmo, autoritária. Dizem que, após ouvir as pessoas, ela acabava fazendo de seu jeito, pois lutava por suas idéias até vê-las realizadas.

Formação e experiências profissionais

Os saberes pedagógicos de Angelina foram forjados dentro do conhecido e destacado Instituto Normal da Bahia, visando exercer a função de professora primária. No ano de 1930, ela foi designada professora interina na Escola Pacífico Pereira, sendo efetivada no ano seguinte, por meio de concurso público. Em 1935, iniciou seu vínculo com a Escola Baronesa de Sauípe, ao ser indicada como professora regente. Em 1948, tornou-se sua diretora.

Embora tenha escolhido essa escola como seu *lôcus* privilegiado de trabalho, ocupou vários cargos: docente de Psicologia Infantil na Escola de

⁵ Ela era tímida, embora fosse assim aquela mulher de muita presença, uma presença extraordinária, simpática e muito afável, muito querida, porque eu viajei com ela para os congressos que aconteceram no país. Os congressos da OMEP (Organização Mundial do Ensino Pré-Escolar), onde ela era muito respeitada, era das figuras mais apreciadas no panorama brasileiro, na esfera da educação pré-escolar. Ela participava das mesas redondas, dos trabalhos, ela ocupou sempre um cargo de destaque na diretoria da OMEP/Brasil, mas ela guardava aquela reserva, ela não era aquela pessoa, ela se expressava no trabalho ali organizando as coisas. (Depoimento da ex-presidente da Associação de Mães da Escola Baronesa de Sauípe).

Puericultura da Liga Álvaro Bahia contra a mortalidade infantil, de 1951 a 1970; de 1955 a 1958 exerceu a função de Orientadora de um Curso de Aperfeiçoamento para Professores do Jardim de Infância, promovido pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (INEP); também foi docente de Psicologia Infantil na Escola de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia, em 1963; docente do Curso para Professores do Jardim de Infância promovido pela Secretaria de Educação do Estado da Bahia, no ano de 1967. Seu currículo ainda registra um número significativo de cursos ministrados sobre educação pré-escolar, sob o patrocínio da Organização Mundial para Educação Pré-escolar (OMEP), Bahia.

Sua formação esteve sempre em processo, pois nunca deixou de se reciclar. São inúmeros os cursos e estágios que fez: Curso de Aperfeiçoamento realizado na Escola de Professores do Instituto de Educação, no ano de 1930; Estágio no Jardim de Infância do Instituto de Educação, no ano de 1934; Curso de Aperfeiçoamento em Direção de Jardim de Infância, promovido pelo INEP, em 1950; Curso de Dramatização Educativa, Instituto de Educação do Rio de Janeiro, em 1952. No mesmo ano, realizou uma série de cursos naquela cidade: Curso de Psicologia Educacional no Colégio Bennet, Curso de Higiene Mental da criança, Curso de Psico-higiene da criança.

Em Salvador, participou de uma série de cursos, como o de Fundamentos e Técnicas de Recreação; Curso de Fatores Emocionais da Aprendizagem; Curso de Fundamentos da Educação Pré-escolar; Curso Intensivo sobre problemas emocionais da criança, na Academia Americana de Medicina; e Curso de Psicologia e Psicopatologia Infantil, na Associação Baiana de Medicina.

Do mesmo modo, foi uma presença constante em encontros científicos locais, nacionais e internacionais sobre o assunto, nos quais, geralmente, contribuía realizando palestras, participando de mesas redondas ou relatando experiências. Para citar alguns: em 1970, fez conferência para a Associação dos Pais no Instituto Central de Educação Isaías Alves, sob o título: *A professora no Jardim de Infância*; em 1975, falou aos pais da Associação do Jardim de Infância de São Francisco do Conde; em 1977, fez relato de experiência

no II Congresso de Educação Pré-Escolar; o mesmo ocorreu no I Congresso Nacional de Arte e Educação, no ano de 1983.

Dentre os eventos nacionais e internacionais, destacam-se: V Semana Nacional de Estudos Pré-Primários da OMEP, no ano de 1965; XI Assembléia da OMEP, em Paris, no ano de 1966; no ano de 1968, o I Encontro Interamericano de Proteção ao Pré-escolar, no Rio de Janeiro; no mesmo ano, participou, em Washington, USA, da XII Assembléia Mundial da OMEP. Em 1971, após participar de eventos nacionais sobre a temática, em estados como Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul, dentre outros, compareceu à XIII Assembléia Mundial da OMEP, em Bonn, na Alemanha. Sua participação em encontros científicos foi uma constante até o início da década de 1980.

Ao participar de congressos, seminários e demais eventos científicos, dentro e fora do país, trazia, além de idéias novas, livros e novidades sobre a educação da pré-escola, os quais eram socializados com as professoras da escola que dirigia e das redes pública e privada, interessadas no assunto. Muitos depoimentos de professoras que trabalharam com ela falam do cuidado de Angelina em se preparar e preparar outros docentes para o trabalho com a pré-escola:

... exigia bastante, mas também dava um lastro pra gente dar essa resposta a essa exigência. Ela estudava com a gente, trazia livros, ela participava muito de congressos, seminários, tanto aqui como fora do Brasil. Ela sempre, quando vinha, tinha que trazer alguma novidade para a escola. Porque, às vezes, ela só falava porque o dinheiro era curto, "olha, mas vi isso", então ela trazia aquelas idéias com detalhes pra gente poder pegar, ajudava, dava as pessoas que ficavam junto à coordenação da escola; então, ela dava subsídios para essas pessoas virem nos ajudar. (depoimento de uma ex-professora).

Os caminhos percorridos pela educadora em busca de seu ideal de entender e cuidar da criança são possíveis apenas a uma pessoa determinada e movida por uma forte ideologia, pois se sabe que não era comum na primeira metade do século XX mulheres viajarem e, muito menos, se dedicarem a uma profissão. Seu "destino" era a casa e a maternidade e, quando muito, o ensino primário, sem direito a sonhar com uma carreira de sucesso.

Angelina era considerada uma educadora atualizada e estudiosa, especialmente *da Psicologia*, pois achava que esta ciência deveria ser a base da formação do professor pré-escolar. Para ela, uma professora não deveria contentar-se com a sala de aula; precisava pesquisar e investigar tudo o que interessasse a sua profissão.

O empenho a fazia uma educadora além de seu tempo no campo do conhecimento que escolheu. Dizem que ela já pensava na criança do ano 2000, em plena década de 1960:

... já se falava na criança do ano 2000, já se estava planejando para a criança do ano 2000, então, ela tinha uma visão que foi muito, muito ..., tudo o que tinha de mais moderno ela queria saber, ela queria estudar, e ela estudava muito. (ex-estagiária da escola Baronesa de Saúpe⁶).

Também preocupava-se muito com a formação dos professores, em especial da pré-escola. Colocava sua experiência à disposição deles, investia em sua capacitação, buscava manter-se atualizada a fim de atualizá-los, incentivando-os a não se acomodarem.

Opção pela educação infantil

A opção pelas crianças era conhecida de todos que privavam de sua amizade ou faziam parte do meio educacional; não porque as considerasse seres inferiores e desprotegidos, carentes de cuidados e de quem os defendesse, mas como pessoas em crescimento que deveriam ser tratadas com respeito, consideração e adequação⁷. A preocupação com a forma adequada de tratar e educar crianças fez com que ela se aprofundasse nos estudos da Psicologia, em cursos de extensão, estágios e autodidatismo, como vimos.

Dizem que era uma pessoa “vocacionada” para a educação infantil e cresceu a essa tendência natural muito estudo e dedicação, pois não queria tratá-la intuitivamente, mas com rigor científico. Com essa preocupação, estabeleceu relações com a Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia, onde tinha oportunidades de estudar, trocar idéias e amadurecer seu conhecimento. Essas oportunidades rendiam outros frutos, pois o conhecimento adquirido era repassado a outros

professores que a procuravam para tirar dúvidas ou se informar e formar sobre a educação infantil⁸. Como lembrou uma depoente, ex-professora da Universidade Federal da Bahia:

... o importante não é o fato de ser vocacionada, e sim que ela procurou estudar e dar a dimensão científica à escola, ao jardim, tanto que nós da faculdade mesmo, eu coordenei um curso de Educação Inicial, um curso de pós-graduação que ela pediu à faculdade. E o curso foi discutido com ela; ela opinava, ela realmente nunca se fechou para a missão dela.

O interesse pelo assunto é analisado por especialistas de hoje como avançado para a época, pois ela se preocupou com a educação de uma faixa etária que não era considerada escolar à época (BOAVENTURA, 1989). A escolarização de crianças antes dos 7 anos não era uma preocupação dos órgãos públicos, porque elas deviam se dedicar apenas ao lazer pelo lazer. A educadora conferiu ao lazer, ao lúdico, grande importância e o colocou como objeto de suas preocupações acadêmicas. Tanto que, em 1956, publicou o artigo *O Jogo na Vida da Criança* na Revista do Ensino (ASSIS, 1956). É ilustrativo o depoimento de uma professora universitária que teve a oportunidade de trabalhar com ela:

... eu acho que ela foi realmente um marco, e que ninguém, na época, teve a dedicação; ninguém vislumbrou, dimensionou a importância da educação inicial na época como Angelina Assis. Ela procurou dar à educação inicial uma dimensão mais científica, e não apenas como local onde deixar as crianças para brincarem; ela prestigiava o lúdico, mas desde quando o lúdico tivesse os objetivos claramente definidos.

⁶ Escola pública dedicada à educação pré-escolar, criada pelo empenho de Angelina de Assis.

⁷ Dizem as depoentes, ex-professoras, ex-alunos e pais entrevistados, que ela possuía um grande amor pelas crianças, admirava tudo o que vinha delas, sorria muito com o que diziam e considerava-as sempre com razão.

⁸ Muitas professoras dizem que foram apresentadas a pensadores como Piaget, Montessori e tantos outros por Angelina. A educadora recorria a eles para fundamentar suas idéias e sua prática, ao tempo em que as incentivava a procurar conhecê-los, o que foi feito por muitas. Algumas ex-alunas da escola, quando adultas, também fundaram pré-escolas particulares na cidade de Salvador, seguindo os ensinamentos da mestra.

Criou um ambiente especial, tanto físico quanto intelectual, visando privilegiar a criança e oferecer-lhe tratamento coerente com sua idade e formação. Lá as crianças aprendiam a convivência social, sem se sentirem privadas do lazer que teriam nas ruas ou em casa. Ao contrário, o teriam de forma científica e planejada.

Angelina destacava-se porque tinha um profundo conhecimento sobre as necessidades da criança e sua prática educativa condizia com isto. Para ela, a educação deveria preparar a criança para viver em sociedade e iniciava-se antes mesmo de seu nascimento. O diferencial consistia em defender os direitos da criança e confiar em sua sabedoria e capacidade numa época em que era tida como uma *tabula rasa*, na qual o adulto deveria imprimir suas referências. Ensinava que a criança só seria “tocada” através da afetividade, do carinho e do elogio. O adulto, em especial o educador, deveria tratá-la com amor, desenvolvendo sua autoestima.

A felicidade era uma meta e um caminho a ser perseguido. As professoras deveriam ser pessoas felizes a fim de contagiarem as crianças. Como grande parte das crianças de “sua” escola possuía uma vida sem alegria, trabalhando antes da hora e vivendo sem recursos, ela, sabedora do valor do *lúdico* no crescimento saudável do ser, colocava a brincadeira e a alegria como fundamentos de sua prática. Lançava mão das estórias contadas pelas professoras, quase sempre com final feliz, para levar as crianças a se identificarem com a felicidade e com a alegria.

Suas convicções, fruto da experiência e de muito estudo, conseguiram muitos adeptos. Muitas ex-professoras da Escola Baronesa de Sauípe falam desse aprendizado e de como ele mudou sua práxis educativa. Suas certezas ou intuições eram ancoradas em teorias clássicas da psicologia infantil, como a de J. Piaget. Estudava muito o autor, promovia cursos e capacitação, trazendo pessoas que fossem conhecedoras da teoria, e procurava seguir suas orientações. Visando aproximar o conhecimento das crianças da realidade, ela proporcionava-lhes oportunidade de manipularem objetos, sentirem seu cheiro, gosto, enfim, situações onde pudessem ver, ouvir, sentir, cheirar.

Além de Piaget, sua prática pedagógica também contemplava os ensinamentos de M. Montessori e de C. Rogers. A primeira é tida como sua musa inspiradora, a quem Angelina procurou seguir os caminhos, também investindo em crianças carentes, como Montessori havia feito com crianças do pré-escolar no período da Segunda Guerra.

Escola Baronesa de Sauípe

Com esse ideal e tamanho empenho, a Escola Baronesa de Sauípe, destinada ao pré-primário, foi fundada no dia 13 de maio do ano de 1935, no Largo do Papagaio, na cidade baixa, em Salvador, em terreno doado pela Baronesa de Sauípe, no governo intervencionista de Juracy Magalhães. Iniciou com duas salas; depois quatro: duas pela manhã e duas à tarde, respeitando-se a idade dos alunos. A sede inicial, uma casa comum, passou por uma grande reforma⁹ e depois foi demolida para dar lugar a uma construção nova e adequada, comportando 10 salas e atendendo a uma clientela de cerca de 340 alunos¹⁰ (ASSIS; CERQUINHO, [198-]).

A clientela da Escola, ao longo de mais de uma década, constituiu-se de crianças de camadas média e alta da sociedade, pois na década de 1930 a Cidade Baixa era habitada por famílias de alto poder aquisitivo e por profissionais liberais, tais como engenheiros, médicos e advogados. As famílias, mesmo não entendendo muito bem o valor da pré-escola, procuravam-na por confiarem na competência de Angelina de Assis.

Durante esse período, as crianças oriundas de famílias da camada trabalhadora concentravam-se na Escola Luiz Tarquínio, situada no mesmo bairro, porém mais próxima de suas residências, pelo fato de ser mantida pelas fábricas existentes no local e oferecer alimentação e fardamento.

⁹ A construção da nova sede foi acompanhada de perto pela educadora Angelina de Assis. Era ela quem conversava com engenheiros e mestres de obra. As salas foram pintadas, respeitando-se a cor indicada por cada professora.

¹⁰ Apesar do propósito e da metodologia adotada, as turmas não eram pequenas, pois havia grande demanda social, como indica o seguinte depoimento: “... *eles eram pequenos em idade, mas eram turmas bem grandes, porque era uma afluência imensa, pais que queriam mesmo dormir na porta da escola para conseguir matrícula.*” (ex-professora da escola).

Com o passar dos tempos, o crescimento do bairro, a construção de conjuntos habitacionais próximos à Escola Baronesa de Sauípe e o ingresso das mulheres no mercado de trabalho, sua clientela tornou-se mista, incluindo alunos das camadas trabalhadoras, ao lado daqueles de camadas média e alta, numa convivência harmoniosa. Como afirmam os entrevistados (pais, alunos e educadores), não havia nenhuma forma de discriminação na escola; nem de classe, nem de raça, nem de gênero, nem religiosa.

A qualidade da escola aliada às mudanças sociais fez com que passasse a ser muito procurada, a ponto de pais dormirem na fila para garantirem uma vaga, o que preocupava e entristecia a educadora, desejosa de atender a todos. Em contrapartida, o fato significava o reconhecimento de seu trabalho, o que era motivo de júbilo e de orgulho.

Angelina não rejeitava o trabalho prestado às famílias de alto poder aquisitivo, mas seu compromisso maior era com aquelas menos privilegiadas, a quem ela colocava em primeiro plano e procurava encontrar estratégias para atendê-las, tais como: efetivar em primeiro lugar a matrícula dos alunos carentes e aqueles oriundos da comunidade dos Alagados¹¹.

Jardim de Infância

A criação de um Jardim de Infância na Rede Pública constituiu-se em uma grande novidade para a época. Pelas questões já apontadas referentes à idade considerada adequada para a escolarização, bem como por sua proposta, que consistia em preparar as crianças na fase que antecedia a entrada na escola, para que despertassem o gosto e a curiosidade para a leitura e para a escrita.

Essas idéias foram defendidas em fóruns científicos, nos cursos e palestras ministradas e postas em prática em seu fazer pedagógico. Também visando difundir-las, sistematizou-as em forma de textos, como o publicado na *Revista do Ensino*, de Porto Alegre, no ano de 1959. Nele, Angelina de Assis (1959) define os objetivos do Jardim de Infância, afirmando que ele deveria ser menos formal do que a escola, que se iniciaria na primeira série; as crianças deveriam aprender brincando e

jogando espontaneamente, segundo seus próprios interesses. Lá não deveria existir espaço para a leitura e a escrita, tarefas de responsabilidade da escola primária.

A defesa da pré-escola como momento da brincadeira, vinha acompanhada de informações importantes sobre o desenvolvimento emocional e psicológico da criança e das conseqüências que a ruptura com essa orientação poderia acarretar, dentre elas, a repetência na primeira série. Como escreveu, o êxito da aprendizagem da leitura e da escrita dependeriam de:

... boa coordenação motora visual e auditiva, memória e atenção bem desenvolvidos, um bom vocabulário oral, ampla e variada experiência, sem as quais a criança não será capaz de dominar técnicas da leitura e da escrita. Um dos problemas que mais preocupa as pessoas que lidam com assuntos educacionais é o da repetência no 1º ano, certamente, esta aprendizagem prematura há de ser uma das causas desse insucesso. (ASSIS, 1959, p. 62).

Pregava, quase isoladamente na Bahia, a necessidade de os poderes públicos darem atenção a essa faixa etária¹², atitude que ela considerava urgente e importante, considerando-se a carência em que vivia grande parte das crianças nos primeiros seis anos de vida e as conseqüências disso para seu desenvolvimento. Apesar de considerá-la de responsabilidade dos poderes públicos, não eximia a sociedade de sua parcela de contribuição. Todos deviam somar esforços em prol da questão: pais, políticos, administradores, assistentes sociais e demais agentes sociais.

Sua proposta era para toda e qualquer criança com idade inferior aos 7 anos, porém priorizava aquelas da camada trabalhadora, por entender que eram as mais prejudicadas pela pobreza de estí-

¹¹ Bairro popular de grande pobreza, com residências construídas sobre palafitas.

¹² A ignorância sobre o assunto era grande e atingia as mais variadas pessoas, como exemplifica o depoimento de uma ex-professora da Escola Baronesa de Sauípe e participante dos cursos da OMEP: "... eu fui pedir a um prefeito para ele liberar uma professora nossa também, pra ir pra uma bolsa de estudo em Belo Horizonte durante um ano. A prefeitura não tinha gasto nenhum, era apenas a licença. Ele ficou muito admirado: estudar criança dessa idade? A senhora vai fazer curso pra fazer o que com criança dessa idade? Eu vou dispensar a professora pra ficar passeando em Belo Horizonte?"

mulos e oportunidades. Por isso, sua luta se dava na esfera pública, junto às autoridades constituídas, e sua prática também em escola da rede do governo.

A Escola Baronesa de Sauípe foi considerada como o melhor Jardim de Infância da cidade de Salvador e do país, inclusive referenciada em revistas locais (BOAVENTURA, 1985) e de outros estados, como o Rio Grande do Sul e Minas Gerais. Também a OMEP (1976) tratou dela em uma publicação.

Seu conceito de Jardim de Infância, como dissemos, rompia com o que os pais e a sociedade esperavam da escola: que as crianças lá aprendessem a ler e a escrever. Ela defendia que a proposta era trabalhar a socialização da criança e o amadurecimento de sua coordenação motora, o que deveria acontecer de forma lúdica e sem lições formais e aparelhagem simbólica.

Metodologia Adotada

Dizem as entrevistadas que ela não falava em método e sim em “filosofia” da escola, que consistia em respeitar a criança, supondo-se que ela tinha um potencial que precisava ser aproveitado, como é possível depreender do depoimento a seguir, de uma professora da Escola Baronesa de Sauípe, na década de 1980:

... ela tinha essa visão; então era uma filosofia sócio-construtivista, ela usava o mesmo, o trabalho com o social, o respeito à comunidade, o respeito às diferenças, né, de classe que tinham lá. Então ela não trabalhava destacando isso ou aquilo, as religiões também tinham esse respeito às religiões.

Compreensão que demonstra uma visão da prática educativa além do fazer e da escolha de formas de realizar, pois pressupunha que esses decorriam de uma visão de mundo, de um caminho filosófico e um compromisso ideológico.

Envolvida por tal convicção, acreditava que o fazer pedagógico devia ser precedido de uma compreensão do ser humano e o que se esperava dele no mundo. A criança era o centro do processo, dotado de potencial que devia ser reconhecido e respeitado pela escola e pelos sujeitos da educação. Como dissemos, para ela todos eram capazes

de aprender e muitas carências poderiam ser superadas pela sensibilidade dos professores. Assim, não usava nenhum método em específico, ao contrário, fazia adaptações de teorias reconhecidas, como as de Piaget, Montessori e a Construtivista.

A opção por alguns autores, entretanto, pode nos dar a indicação do caminho trilhado. Além de Montessori, Piaget era um pilar do trabalho de Angelina, especialmente nas orientações a respeito das fases da criança e seu desenvolvimento. Orientação cara para a educadora, que tinha intuitivamente a certeza de que a criança precisava ser tratada e respeitada conforme seu momento de crescimento e de desenvolvimento.

A filosofia educacional seguida por Angelina é identificada por muitos professores que trabalharam com ela, como sócio-construtivista, por ela levar em conta o social e o respeito às diferenças. “... o método, ela dizia muito mais filosofia, não usava metodologia da escola e dizia sempre que a escola era uma escola-laboratório” (Ex-professora da escola até a década de 1980).

Seguindo o processo de atualização das teorias psico-pedagógicas e as exigências do tempo, a educadora incluiu, em sua orientação metodológica, teses do método natural, tendo em vista o mesmo propósito de acompanhar o desenvolvimento livre das crianças. Estas eram consideradas o centro do processo e tudo era feito para seu crescimento harmonioso e saudável¹³. A educadora discutia com as professoras o que iriam realizar ao longo do dia, assim como os hábitos e as atitudes que deviam ter, como indicam alguns depoimentos:

... aquela programação do dia a dia era feita assim com eles em sala de aula. E a participação em tudo, na maneira de sentar; não é, de esperar, de se dirigir ao colega, todos esses hábitos sociais, a gente desenvolvia assim de maneira espontânea, com teatro, não é, essa participação que depois lhe mos-

¹³ Nada na escola era feito aleatoriamente. O planejamento era rigorosamente elaborado e seguido, como esclarece o seguinte depoimento de uma professora da escola: “... tinha essa coisa, que era atrelado, geralmente, ao tema trabalhado. Ela não fazia nada assim. solto, tudo tinha que ter a ver com o planejamento, que era feito em sala de aula. Em cima desse planejamento já destacava o que vai ser feito com os pais, o que vai ser feito com as crianças dentro das salas, o que vai ser feito com as professoras, o que elas vão produzir, o que os meninos vão estar produzindo, o que os pais vão estar produzindo.”

tro, ainda tem as fotos, e elas se integravam mesmo, era a socialização. (Depoimento de uma ex-aluna e depois assistente social da Escola).

... a gente colocava papel à vontade, tinta, massa de modelagem que a gente mesmo fabricava e todo esse material ficava à disposição das crianças e elas faziam como queriam a gente nunca fez um desenho para dizer assim, agora vão cobrir, não, a gente estimulava a criatividade, a espontaneidade ... (Ex-aluna e Assistente Social da Escola).

Quanto aos mecanismos disciplinares, a escola, em alguns momentos, assemelhava-se às tradicionais. Os alunos eram isolados da turma, diante de uma transgressão, permanecendo algum tempo na secretaria, porém sem atitudes que pudessem constrangê-los. As repreensões verbais não eram feitas individualmente, e sim no coletivo, de modo que cada um pudesse colocar sua carapuça.

Os alunos entrevistados são unânimes em afirmar que não sentiram nenhum ato de violência nem de autoritarismo na escola. Seus desejos e ações eram respeitados e, quando necessário, reconduzidos de forma natural, conforme avalia um ex-aluno da Escola na década de 1950 com o olhar do hoje:

... elas procuravam contornar, procuravam ver porque tal, mas não ficavam obrigando a criança a fazer. Era, eu acho que a Escola Baronesa de Saúpe foi o início de uma vida estudantil muito sadia...

As turmas eram divididas por cores: sala verde, a primeira; amarela, lilás, rosa, azul. O professor só assumia uma classe após um ano de observação da professora efetiva, período em que se procurava conhecer seu perfil, a forma como tratava as crianças, sua competência teórica e como ele lidava com a transmissão do conhecimento. A orientação básica consistia em colocar o aluno como centro do processo, ciente de que já havia passado a época em que o professor ensinava e o aluno aprendia, e o momento era de levar o aluno a fazer, tendo o professor à frente: carinhoso, atencioso, presente em todos os momentos e situações.

As crianças aprendiam fazendo e observando o professor, as pessoas e a natureza. Observavam o desenvolver de uma planta e de um animal, par-

ticipavam de experiências e de encenações e dramatizações, visando seu desenvolvimento integral: linguagem, acuidade visual, motora e intelectual.

As professoras trabalhavam de maneira integrada e procuravam ensinar aos alunos de forma concreta: as noções de Matemática eram dadas, usando-se objetos como flores, grãos, sementes etc.; o mesmo se fazia com as demais informações de Português, Estudos Sociais e Ciências. As lembranças de um ex-aluno são esclarecedoras do método adotado na escola dirigida pela professora Angelina:

... eles tinham a escola, mas como... não como escola, entende, de... é... você ir pra lá pra ficar vendo o professor ditando ordens e lhe instruindo e tal, a escola era mais assim como uma... eu me lembro bem de ir pra lá, eu adorava ir para a escola, porque eu ia pra um recreio, eu ia pra um lugar onde eu ia aprender, mas brincando, aprender participando, aprender com outros colegas, outros meninos que tinham os mesmos problemas que eu tinha, as mesmas brincadeiras. Então, eles deixavam a gente livre, bem, bem, bem à vontade e sempre eles iam mostrando não só toda parte de coordenação motora como parte de instrução, de primeiras letras, o alfabeto, isso eles iam mostrando, mas muito ameno, muito assim... naturalmente, né, não... "hoje vamos aprender o alfabeto", não a gente aprendia naturalmente, assim, durante aquela recreação, aquelas brincadeiras.

O material didático era atualizado, porém simples e quase todo construído pelas próprias professoras. Vale lembrar que Angelina gastava parte de seu salário na compra de material, livros, aparelhos, quase sempre em eventos científicos.

Também fazia parte das atividades das professoras manterem um arquivo atualizado sobre o desempenho de cada aluno. Elas deviam observar cuidadosamente e de forma continuada cada aluno e registrar sua avaliação. As anotações serviam para compor a história do aluno e para a análise de Angelina. A partir delas, a educadora indicava os procedimentos que deviam ser tomados em relação a cada discente.

Visando auxiliar os professores a desempenharem bem suas funções, a educadora criou as atividades complementares, numa época em que não se pensava nelas. Após promover reuniões de ava-

liação, nas quais passava sua impressão sobre o desempenho das professoras durante a semana¹⁴, oferecia atividades que pudessem sanar as dificuldades. Essas reuniões aconteciam, inicialmente, aos sábados e domingos e depois passaram para as sextas, ficando os alunos sob a responsabilidade de auxiliares de classe.

Considerações Finais

Como vimos, os motivos do valor atribuído por Angelina à pré-escola são do conhecimento de todos que trabalharam ou estudaram na Escola Baronesa de Sauípe. A educadora ensinava que a personalidade era formada naquela faixa etária e tudo o que nela se aprendesse ficaria para toda a vida. Ou seja, sua preocupação com a formação do indivíduo, baseada nos paradigmas da psicologia, também pressupunha a formação do caráter. Convicta de que ele se dava em tenra idade, trabalhava com crianças pré-escolares, visando formar-lhes hábitos, atitudes e modo de ser adequados ao viver social.

Também era motivo de seu interesse o comportamento social, moral e emocional das crianças. Assim, ela investigava sobre o que elas gostavam, quais eram seus hábitos, se eram manhosas, choronas, tristes, alegres, desatentas, atenciosas. Acolhia a todas, beijava-as, colocava-as no colo, limpava, acariciava, contava estórias, procurava conhecê-las. Para tanto, participava de todas as atividades desenvolvidas na escola, visitava as salas de aula, as atividades recreativas, recebia-as na chegada e na saída da escola.

Dispensava grande cuidado à formação das professoras, por considerar de muita responsabilidade o papel a elas conferido. Na contramão da compreensão da época, que achava que as professoras para essa faixa etária deveriam ser as menos qualificadas ou muito vocacionadas, defendia que deveriam ser muito bem preparadas, inclusive com formação universitária.

Para fazer as professoras entenderem e executarem suas idéias, ela não usava de imposições, nem atitudes que pudessem deixá-las envergonhadas. Investia em estudo contínuo, em momentos de reflexão sobre situações concretas e no exemplo. Então, se uma professora não estivesse conseguindo interpretar o comportamento de um aluno, ela planejava como conteúdo do próximo estudo aquele tema. Organizava material técnico: textos, livros e desenhos dos alunos, por exemplo.

A coerência com sua ideologia era tanta que não abandonava as crianças nem mesmo quando elas estavam sob a custódia de outras instituições que não a escola. Por exemplo, criou um programa de atendimento a crianças hospitalizadas, que consistia em não deixarem de estudar durante o tempo em que durasse o internamento. Para tanto, professoras passaram a atuar no hospital infantil Martagão Gesteira. Com isto, procurava transformar a internação em um momento menos triste e sofrido para as crianças.

Essa atitude também reforça o argumento usado por muitos depoentes sobre sua atualidade e visão de futuro, pois, considerando-se que só nos anos atuais os especialistas começam a se preocupar com a alegria como um elemento importante na reabilitação dos doentes, ela pensou nisto e colocou em prática três décadas atrás.

Enfim, suas idéias e sua práxis pedagógica ancoravam-se tanto em teorias quanto na experiência. Por exemplo, observava a vida de ex-alunos, naquele momento, já adultos, e como se portavam com distinção e dignidade na sociedade. A teoria iluminava os fatos e esses atestavam aquela.

¹⁴ ... toda quinzena nós tínhamos que discutir todos os problemas que as crianças apresentavam, problema de linguagem, problema de audição, problema de agressividade, tudo isso era tratado dentro do próprio colégio. Nós recebíamos a orientação de como vamos tratar aquela criança, era um trabalho muito bem feito, muito bem feito. (Depoimento de uma ex-professora da escola Baronesa de Sauípe).

REFERÊNCIAS

ASSIS, Angelina Rocha de. O jogo na vida da criança. **Revista do Ensino**, Porto Alegre, ano v, n. 36, p.62-71, mar. 1956.

ASSIS, Angelina Rocha de. Aprendizagem da leitura e da escrita e o jardim de infância. **Revista do Ensino**, Porto Alegre, ano 8, n. 62, p.20-29, ago. 1959.

_____; CERQUINHO, Isabel. **A escola Baronesa de Sauípe**: uma experiência em educação pré-escolar (1935-1976). Salvador, [198-]. Mimeografado.

A TARDE, Salvador, 16 abr. 1934.

BOAVENTURA, Edivaldo. A escola Baronesa de Sauípe. **A Tarde**, Salvador, p.3, 4 maio 1985. Caderno 2. Educação.

_____. Angelina de Assis, pioneira do pré-escolar. **A Tarde**, Salvador, Caderno 2, Educação, p.5, 3 fev. 1989.

DANTAS, Júlio. Conselhos de Ninon. **A Tarde**, Salvador, p.3, 9 maio 1935.

NÓVOA, Antonio. Para o estudo sócio-histórico da gênese do desenvolvimento da profissão docente. **Teoria & Educação**, Porto Alegre, n. 4, p.109-139, 1991.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL PARA A EDUCAÇÃO PRÉ-ESCOLAR. **A Escola Baronesa de Sauípe**: uma experiência em educação pré-escolar. Salvador: OMEP, 1976.

Recebido em 20.05.07

Aprovado em 05.01.09